

Benedito Nunes e o cinema

Pedro Veriano*

Em um fim de tarde dos anos 70, a sessão de cineclube no auditório do Curso de Odontologia da UFPa estava vazia. O filme a ser projetado era um desses que podia usar o hoje vulgarizado apelido de clássico. Benedito Nunes, um dos poucos presentes, definiu a situação englobando a gênese da preferência do público: “Cinema é sempre a sobremesa. Anunciam um programa que tem tanta coisa e no fim se alerta que também tem um cineminha”.

Faço um *flash-back* e vejo Benedito ensinando História para a minha turma, no Colégio Moderno, época em que a garotada comentava o “Sansão e Dalila” de Cecil B. De Mille, o sucesso dos cinemas comerciais nesse ano. Abrindo um parêntese na sua exposição sobre o Brasil de ontem, Benedito chamou o filme de abacaxi e citou “um leão empalhado” a lutar com o Sansão Victor Mature. Certamente era o modo mais simples de resumir o que a crítica comentava nos jornais.

Seria um absurdo conhecer uma pessoa culta como o Benedito que não admirasse a arte dos Lumière. Em 1955 ele estava ao lado de Orlando Costa na luta para manter o Cine Clube “Os Espectadores”, o primeiro de Belém. As sessões eram realizadas no auditório da Sociedade Artística Internacional (SAI) e as prévias dos filmes, feitas para os apresentadores, eram na garagem de minha casa, perdão, no Cine Bandeirante. Um pouco antes dessa batalha pelo melhor cinema, lembro da polêmica em torno do filme “O Boulevard do Crime”(Les Enfants du Paradis) de Marcel Carné, exibido por apenas dois dias no cinema Olímpia. Escreveu em “A Província do Pará” um crítico de ocasião que se dizia Adelina Lisboa Coimbra (logo se descobriu quem era). Mencionava entre outras opiniões desagradáveis (pois o filme chegou até a ser considerado o melhor do século XX pelos franceses, anos depois): “... Não queremos dizer que o filme seja mau. É bom. Mas daí ao aplauso sem restrições vai um bom passo”.

* Crítico de cinema. Presidente honorário da Associação de Críticos de Cinema do Pará.

Respondeu Benedito em feitiço de carta: “D. Adelina: Depois de ler a sua crônica sobre “O Boulevard do Crime”(…) não dominei a tentação de escrever-lhe seja quem a senhora for, homem ou mulher. De qualquer maneira eu me dirijo à senhora, D. Adelina Lisboa Coimbra, que resolveu gastar seu precioso tempo escrevendo uma crônica de cinema para não dizer nada. Tanto a sua crônica como a sua pessoa estão para mim no gênero neutro.”

Em outro *flashback* vejo Benedito estudante, quando o conheci em 1947, aluno de meu irmão (a matéria era Química), também no Colégio Moderno. Nessa época o meio estudantil vibrava com o concurso “Embaixadores da Juventude Brasileira”, uma promoção do “O Globo Juvenil”. Aqui em Belém os cupons para se votar nos candidatos dos colégios eram publicados em “A Folha do Norte”. Mas eu recebia “O Globo Juvenil” direto do Rio de Janeiro, enviado por meu tio. Por isso eu votava de duas formas, ou seja, com cupons do “Globo” e da “Folha”. Benedito e Eva Andersen ganharam. Os Serras (Augusto e Oswaldo), donos do Moderno, sorriam para as paredes. Tivemos, de fato, bons embaixadores.

Voltando ao meu fio de meada, depois do Cine Clube Os Espectadores surgiu o Centro de Estudos Cinematográficos da então jovem UFPA. Seus idealizadores teriam que ser os professores da Faculdade de Filosofia: Orlando Costa e Benedito Nunes (tinha também a mão de Francisco Paulo Mendes, outra inteligência que abraçava o cinema com muito carinho). O Centro pouco se manifestou, mas chegou a fazer um programa de filmes japoneses que não se conhecia por aqui. Foi a vez de se ver, por exemplo, “Trono Manchado de Sangue”, o Macbeth de Kurosawa, e pelo menos uma obra-prima de Mizoguchi: “Os Amantes Crucificados”.

Antes mesmo de surgir o Cine Clube APCC (1997-1986), Benedito, sua mulher Maria Sylvia, a cunhada Angelita Silva, e o amigo Chico Mendes, frequentavam o Bandeirante quando por lá surgia uma dessas raridades cinematográficas que eu caçava nas distribuidoras específicas. As sessões do cineclube, na AABB, no auditório de Odontologia e no Grêmio Português, seguiram sem solução de continuidade. As nossas conversas sobre cinema internacional eram alimentadas pelo que Benedito e Maria Sylvia viam no exterior. Foi por esse tempo que começaram as listas de melhores. Não só dos melhores filmes exibidos em um ano, mas de todos os anos. A primeira, eu lembro, foi editada pelo Acyr Castro, mas sem aferição qualitativa. Ele pedia “os filmes que você levaria para uma ilha deserta”. Não sei quem respondeu, copiando o que já tinham dito no âmbito da literatura, ou seja, que seriam filmes sobre salvamento, ou como sair o mais depressa possível da tal ilha. Mas não demorou a surgir a primeira relação dos melhores com as bênçãos cineclubinas. A última dessas listas foi em 2000 quando se pediu, em ordem hierárquica, os filmes mais importantes do século. É claro que cada um tinha o seu grupo. No de Benedito cabia a obra do indiano Satyajit Ray, especialmente “*Pather Panchali*” que eu só fui conhecer mais tarde, na TV de assinatura com o nome de “Canção da Estrada”.

Em uma apresentação no Grêmio Português do filme de Bernardo Bertolucci “O Conformista”, Benedito fez uma alusão ao Mito da Caverna de Platão na sequência final. Quem pensou nisso e não se manifestou antes uniu as peças de uma análise imprescindível à compreensão de um dos bons filmes do período. Aliás, Benedito e Maria Sylvia haviam visto na Europa os primeiros filmes desse diretor, coisas que só chegariam à Belém neste século.

Volto ao recurso do *flashback* e vejo uma aula de Filosofia do curso científico do Moderno. Lá estava Benedito Nunes e não faltava espaço para citar cinema, afinal um modo de se comunicar com uma platéia pouco atenta (o curso visava ciências ditas exatas e poucos alunos achavam necessário conhecer Sócrates ou Platão). Nesse período já se delineava o filme introspectivo segundo Michelangelo Antonioni (conhecido como “o cineasta da incomunicabilidade”) ou o mais que sucedeu ao movimento neo-realista na Europa.

Outro ponto de encontro de quem dimensionava corretamente o cinema era a sessão “Cinema de Arte” que passava das matinais de sábado do Olímpia para as 6as. feiras à noite (22,30) no Cine Palácio. Nesse período Maria Sylvia produziu um curta-metragem de animação dirigido por Sandra Coelho de Souza chamado “Manosolfa”. O lançamento teve ares de *première* tipo Hollywood, com os autores presentes. Em paralelo discutia-se a obra de Joseph Losey, os trabalhos de Alain Resnais, o embrião da “nouvelle vague” e as novas tendências do cinema mundial. Entre os exemplos considerados acadêmicos eu não esqueço como Benedito e Maria Sylvia comentaram, maravilhados, o “La Strada”(A Estrada da Vida) de Fellini, que viram bem cedo, fora de Belém. Tudo o que disseram constatei emocionado ao ver o filme. Fellini era uma descoberta, e mais tarde concordávamos que “I Vitelloni” (Os Boas Vidas) era melhor do que “Amarcord”, a versão posterior, a cores, das memórias desse autor (memórias por ele desmentidas com o humor que acompanhou quase toda a sua obra)..

Uma das muitas pesquisas de Benedito abordou as crônicas que o poeta Mario Faustino, seu amigo e também professor do Colégio Moderno no meu tempo de estudante (e minha turma), escreveu sobre os filmes exibidos nos cinemas da cidade. Mário manteve uma coluna no jornal “A Folha do Norte”, entre 1948/49, dando cotações expressas em números de 0 a 3.

Cinema não foi a sobremesa para o hoje octagenário. Por isso, certamente, alguns cineastas quando nos visitavam perguntavam por alguns intelectuais da cidade, citando especialmente Benedito Nunes. Não se tratava de um “colega” que fazia filmes, mas de um crítico a merecer o respeito do autor.

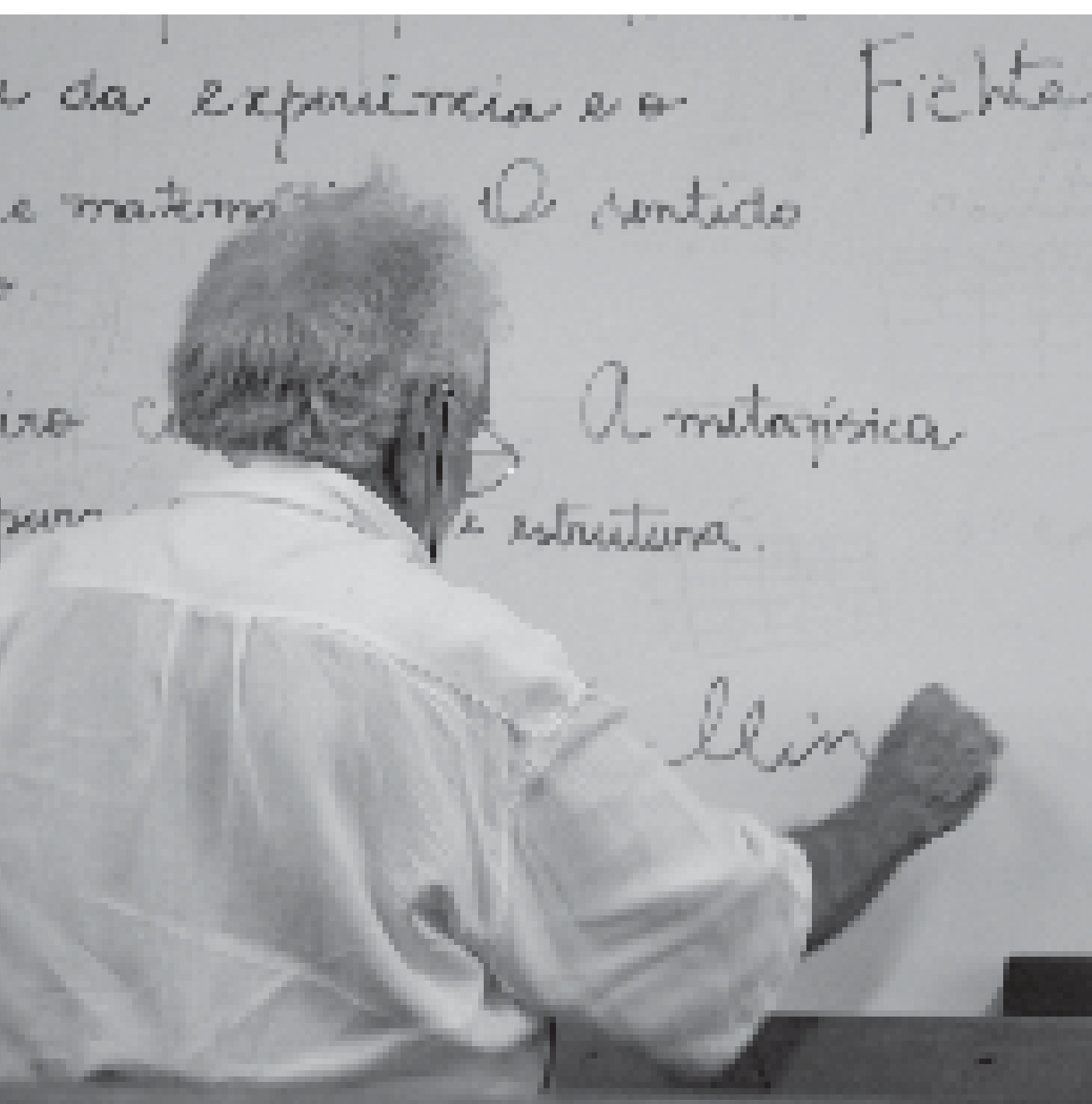


Foto: Elza Lima

Benedito Nunes: sedutor convite ao banquete filosófico

Ângela Maroja*

No Campus da Universidade Federal do Pará, recebi minha primeira aula sobre o pensamento de Kant. No calor daquela tarde de 1976, o Benezinho estava particularmente emocionado. A turma era boa, com gente interessada e atenta ...

Se, de fato, há muito da guerra no amor, aquela aula marcou a data de minha rendição à filosofia. Quando o Bené referiu-se à terceira questão kantiana com os olhos brilhantes de comoção (ele tem olhos claros, cor de tacacá), e a voz, naturalmente, baixa, entrecortada e vacilante, não resisti! Mais ou menos, como há séculos atrás, Alcebiades diante de Sócrates.

Haverá, entretanto, quem atribua os detalhes deste relato às fantasias de uma Mnemosyne deslumbrada pelos encantos de Eros. Pedirei, então, que o entendimento me perdoe, já que sob seu sisudo trabalho, a imaginação tece sempre, e livremente, novas Formas, segundo uma obscura, mas legítima legalidade.

Haverá, ainda, quem diga que tudo isso é retórica, e que a retórica não enobrece o filósofo, nem o pensamento filosófico. Aos partidários da secura do conceito, eu direi, apenas: Até hoje não conheci um filósofo como Benedito Nunes.

O Benedito Nunes une duas raras qualidades que dificilmente andam juntas: o rigor argumentativo e conceitual, aliado a uma profunda erudição filosófica, mas não exclusivamente filosófica. Para a alegria de Nietzsche, o Bené adestra, cotidianamente, seus ouvidos à música, e com muita precisão é capaz de distinguir, já nos primeiros acordes, indicando seu intérprete, um Quarteto de Beethoven. O Benezinho também ama a poesia como Heidegger a amou. E se encanta com os Sonhos de Kurosawa, ou com a Nouvelle Vague refletida por Goddard.

Os textos do Bené são textos de filosofia, e não de literatura. São textos genuinamente filosóficos, densos e consistentes, o que não impede, porém, que o conteúdo apresente-se, muitas vezes, articulado em uma bela linguagem, digna de um texto literário. (Um pouco à maneira do velho Platão).

Nunca se esquivando de convidar sempre novos discípulos para a partilha do banquete filosófico, seu telefone, sua casa, sua biblioteca, estão sempre abertos aos interessados, num gesto de simplicidade exemplar e sedutora generosidade, típicos do Benezinho. Comumente, as conversas têm lugar em seu gabinete de trabalho construído como uma espécie de torre de pedra de dois andares, anexada ao lado direito dos jardins da casa.

Mas, como todo bom mortal que se preza, o Benezinho tem lá, também, suas fraquezas: ele é tarado por chocolate, e todos os dias anuncia a decisão de largar o cigarro para sempre.

(Ele cumpriu a promessa!)

Belém, 8 de março de 2009

Texto publicado na Revista PRAvaLER, Rio de Janeiro, ANO II, 1990, no. 14., sem o acréscimo final entre parênteses.

* Professora da Universidade Federal do Pará - Departamento de Filosofia.



Foto: Elza Lima